



Ministério da Educação  
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica  
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul  
Campus Farroupilha

**Modalidade:** Trabalho de conclusão do curso de Pedagogia - Licenciatura

## **PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM BEBÊS PELA LENTE DE EMMI PIKLER**

Thais Pagliarini<sup>1</sup>  
Samantha Dias de Lima<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo é resultado do trabalho de conclusão de curso entregue como requisito obrigatório para a conclusão de Licenciatura em Pedagogia de uma Instituição Federal no Sul do Brasil. A investigação é situada no campo das práticas pedagógicas com bebês, tendo como autoras de referência Judit Falk (2021) e Anna Tardos (2021) sobre a lente de Emmi Pikler. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, de natureza descritiva e teve como método a pesquisa bibliográfica. Com esta investigação, apresentamos os princípios da abordagem e a grande contribuição de Pikler com para os bebês e à docência na Educação Infantil. Como resultados, podemos apontar a associação do cuidar e do educar, por meio da qual, de forma individualizada, afetiva e com participação ativa dos bebês, a intencionalidade dos docentes seja orientada pelas relações, criadas durante os momentos de cuidado.

**Palavras-chave:** Práticas Pedagógicas; Bebês; Abordagem Pikler; Educação Infantil.

---

<sup>1</sup>Acadêmica de Pedagogia – Licenciatura no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – *Campus* Farroupilha. E-mail: [pagliarinit@gmail.com](mailto:pagliarinit@gmail.com).

<sup>2</sup>Docente orientadora e atuante na Pedagogia – Licenciatura no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul – *Campus* Farroupilha.-mail: [samantha.lima@farroupilha.ifrs.edu.br](mailto:samantha.lima@farroupilha.ifrs.edu.br).

## 1 NOTAS INTRODUTÓRIAS

O presente artigo é resultado do trabalho de conclusão de curso. É fruto de uma pesquisa qualitativa bibliográfica e de natureza descritiva e tem como objetivo evidenciar as práticas pedagógicas com bebês de 0 a 18 meses na Educação Infantil (EI). Salientando a intencionalidade docente e como componente essencial nesta etapa educacional uma especificidade pedagógica para e com os bebês, realizou-se a pesquisa pela lente da médica húngara Emmi Pikler.

A pesquisa inicial contou com uma busca na base de artigos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Assim, foram utilizados os descritores “prática pedagógica”; “bebês” e “Emmi Pikler” e considerados os artigos do período de 2019 a 2023.

Diante da exígua quantidade de materiais, houve a necessidade de pesquisar no Google Acadêmico também. Foram utilizados os mesmos descritores, a partir dos quais, encontrou-se mais artigos, considerando o mesmo período de tempo. Como resultado de uma revisão sistemática, ocorreu a seleção de 8 artigos como material referencial teórico deste trabalho de conclusão.

Deste modo, o campo de investigação trata-se de fornecer informações e orientações para professoras de bebês, para que, paralelamente a tais noções, possam refletir, explorar e aplicar, reconhecendo as singularidades, os saberes e as potências de cada sujeito. Nesta perspectiva, é o olhar e a ação da educadora que se relacionam com todos, permeando os princípios da relação do adulto com o bebê.

Assim, olhar para os bebês pela lente de Emmi Pikler e suas colaboradoras, sendo elas Anna Tardos (2021) e Judit Falk (2021), é essencial para uma especificidade pedagógica com e para os bebês, tendo em vista que se trata de uma categoria profissional ainda em constituição.

Para tanto, este artigo foi organizado em cinco seções, sendo a primeira “Notas Introdutórias”, e as demais: “A abordagem Pikler: mas afinal, quem foi Emmi Pikler?”; “A especificidade pedagógica e a intencionalidade docente”; “Possibilidades de práticas pedagógicas: ideias de práticas”; e, por fim, “Considerações finais”.

## 2 A ABORDAGEM PIKLER: MAS AFINAL, QUEM FOI EMMI PIKLER?

Segundo Falk (2021), Emmi Pikler (1902 – 1984) concluiu, na década de 1920, seus estudos de medicina e tirou sua especialização em pediatria em Viena, cidade da Áustria. Durante seus estudos, conheceu dois de seus mestres, os professores Hans Salzer<sup>3</sup> e Clemens von Pirquet<sup>4</sup>, e, por meio deles, familiarizou-se com fisiologia e uma abordagem gentil de tratar as crianças, estabelecendo relação com elas a fim de que não chorassem, e sim cooperassem durante a realização dos tratamentos.

Na época, eram os médicos jovens que preparavam os alimentos para as crianças e tinham que aprender a atender os bebês. Entre os seus cuidados, havia uma regra rígida, a de não forçar comida para um bebê doente; ele precisava aceitar voluntariamente as colheradas de comida. E para as crianças que queriam ficar na cama, preparavam cantos de jogos para que pudessem brincar quando quisessem.

Muitas observações e questionamentos impactaram e constituíram a base para a atuação profissional de Emmi Pikler. Como cuidava de um grande número de bebês, observava e registrava minuciosamente o desenvolvimento deles, servindo de referência para suas pesquisas que defendiam o movimento livre — afinal, “a criança que pode mover-se com liberdade e sem restrições é mais prudente, já que aprendeu a melhor maneira de cair” (Falk, 2021, p.26) — e o cuidado com uma conduta respeitosa, isso é, respeito pela individualidade de cada bebê, considerando-o como um sujeito ativo, competente desde o seu nascimento e como tal deve ser tratado.

A visão de Emmi Pikler sobre os bebês se consagrava para Tardos (2010) como:

Sua visão de um bebê saudável era um bebê ativo, competente e pacífico, que vive em paz consigo mesmo e com seu ambiente. Ela visitava bebês e famílias semanalmente, discutia com os pais como promover seu desenvolvimento, com base em sua visão da criança e em suas próprias observações, e orientava as mães sobre as práticas de educação e como criar um ambiente facilitador ideal para o bebê (Tardos, 2010, p.1).

---

<sup>3</sup> Prof. Hans Salzer ficou conhecido por se preocupar com a prevenção de doenças e, estilo de vida saudável, além de instigar os seus alunos a tratar crianças sem que elas chorassem.

<sup>4</sup> Clemens von Pirquet é um cientista e pediatra austríaco conhecido por suas contribuições no campo da bacteriologia e imunologia.

Suas ideias, revolucionárias para a época, mostravam um olhar de profundo respeito pelo sujeito, pela organização do tempo durante os momentos de alimentação, trocas de fralda, banho e o ambiente que o cerca; mesmo nos lugares mais simples, os bebês tinham que se sentir seguros. Sua postura de médica pediatra que se preocupava com o desenvolvimento físico e psicológico saudável dos bebês a fez tornar-se conhecida em Budapeste, na Hungria, para onde se mudou e iniciou os atendimentos como médica familiar. Além das experiências profissionais, Emmi Pikler baseava-se também nas ideias de seu marido, um pedagogo progressista.

No início dos anos 1930, tiveram uma filha e decidiram aplicar essa abordagem nela, não acelerando seu desenvolvimento, mas seguindo o seu próprio ritmo individual. Decidiram possibilitar iniciativas autônomas, movimentos livres e um brincar independente. Isso é, os pais criavam condições para que a filha pudesse se desenvolver em um ambiente tranquilo e equilibrado; o bebê tinha sempre que estar em um lugar seguro onde pudesse se movimentar e explorar no seu tempo, sem nenhum tipo de intervenção do adulto.

Pikler considerava que as intervenções diretas dos adultos não aceleravam o desenvolvimento dos bebês, exercícios para aprender a se virar, engatinhar, agachar, ficar de pé e caminhar não tinham nenhuma vantagem, pois, conforme suas observações, o bebê não precisa de explicações ou instruções para tornar-se ativo, ele mesmo, no seu ritmo e conforme seu desejo é capaz de aprender tudo. Segundo a opinião de Pikler, os adultos precisam confiar na capacidade dos bebês. Neste sentido, o adulto assegura um lugar adequado para o bebê estar e se desenvolver, garantindo experiências adequadas, mas quem aprende como manipular com independência e autonomia é o próprio bebê. Ele mesmo explora o seu corpo e o ambiente em que está se desenvolvendo.

Foi observando esse modo de agir com sua filha e durante seu trabalho como médica familiar, no qual dava apoio aos pais com seus conselhos refletidos e minuciosos (Falk, 2022, p.27), que Pikler foi criando uma abordagem educacional. Durante os momentos de banho, trocas de fralda, e alimentação, a pediatra ressalta a importância dos pais não terem que ter pressa, afinal, esses momentos são onde criamos vínculos, através de um toque seguro e um olhar sensível, levando em conta “as necessidades e as reações da criança e toda sua participação — o que tornava

mais lento esses cuidados — e aproveitavam tudo que aconteciam entre eles, nesses momentos” (Falk, 2022, p.28).

Em 1946, Pikler foi convidada a dirigir a Instituição de Acolhimento na Rua Lóczy, um dos inúmeros orfanatos de Budapeste, em um contexto pós Segunda Guerra Mundial. De médica familiar à direção do Instituto Lóczy, Pikler, com toda experiência de médica familiar, ao chegar lá, se assusta com a falta de infraestrutura, com a precariedade do lugar e, principalmente, a relação dos adultos/educadores com os bebês e as crianças do lugar.

Pikler e Maria Reinitz<sup>5</sup>, chamada de Máríka, despedem todos e contratam mulheres cuidadoras para tomar conta dos bebês e das crianças. As duas passam a ensinar a técnica precisa e unificada para essas jovens, que colocaram em prática a abordagem Pikler.

A partir do trabalho realizado em sua vida e no Instituto Pikler-Lóczy, formou-se quatro princípios básicos sobre o cuidado com bebês:

- a) **o profundo respeito pelo bebê e sua individualidade:** consistia em observar com atenção a maneira que os bebês e as crianças se sentiam mais confortáveis. Sem pressa, visualizar e atender as necessidades durante os momentos de cuidado, ocupando-se de carinho, estando presente nos momentos de troca de fralda, além de conversar com o bebê, olhar para ele, explicar o que está fazendo e tocar sua pele com respeito, passando segurança e fortalecendo o vínculo. De maneira que se sentissem tranquilos, respeitando o seu ritmo e todas as demais necessidades;
  
- b) **a importância do vínculo entre adultos e bebê:** construir uma relação afetiva privilegiada e de qualidade nos momentos de cuidado, como citado acima, pois o bebê está observando o adulto em todos os gestos, palavras e movimentos. Essas trocas precisam ser carinhosas, afetuosas, com demonstração de confiança e verdade, como ressalta Falk sobre a forma que era ensinada no Instituto Pikler-Lóczy “Ensinarão que tinham que falar enquanto atendiam, inclusive aos bebês menores, por meio de suas palavras e seus gestos, haviam de prepará-las para tudo que iam fazer, para tudo que iam aprender.” (2021,

---

<sup>5</sup> Enfermeira que trabalhava com Emmi Pikler em seu consultório particular, ensinando as mães a como cuidar dos bebês. Quando Pikler assume a direção do Instituto, Máríka é contratada.

p.32). Em outras palavras, deve-se manter o contato visual com o bebê, fortalecendo o respeito, o vínculo e a valorização daquele sujeito de direitos.

- c) **atividade autônoma do bebê:** o desenvolvimento gradativo da autonomia do bebê é baseado na atitude dos adultos, isso é, são os adultos que criam no ambiente as possibilidades para o bebê exercitar-se. O bebê não pode ser considerado um ser submisso, ele faz parte da relação e se torna um parceiro quando, por exemplo, um adulto coloca um bebê deitado no chão em um ambiente seguro e apoia a atividade autônoma, vê que está brincando, seja com suas mãos, ou com brinquedos à disposição à sua volta. Portanto, é necessário promover a atividade e o desenvolvimento de um bebê livre e seguro; esse comportamento trará aos bebês mais confiança futuramente;
  
- d) **movimentos livres:** não intervir diretamente nos movimentos e brincadeiras, não impor exercícios motores para incentivar o caminhar, respeitar o tempo e ritmo da criança. O comportamento do adulto é criar uma relação de parceiros, é manter o bebê rodeado por brinquedos ou objetos simples, porém variados, de maneira que possa brincar de forma autônoma, sem ajuda ou intervenção dos adultos, para um uma livre exploração de si mesmo e do entorno. Destaca-se o vínculo, pois o olhar no bebê não é “abandoná-lo” sozinho.

Logo, pode-se perceber que todos os princípios estão interligados, um depende do outro, um faz o outro ter mais sentido. Diante das concepções de Pikler, percebe-se a importância de estabelecer um ambiente tranquilo, seguro e propício para que o bebê possa vivenciar suas experiências de um modo prazeroso, singular e com respeito. Esse sujeito, que aprende e se desenvolve a partir das relações que estabelece com o seu meio físico e social, tem o potencial de deslocar-se, brincar e carregar a tendência ao crescimento e desenvolvimento, no seu ritmo, não dependendo das intervenções diretas do adulto, mas do olhar sensível, dos gestos seguros, de uma comunicação simples, de uma alimentação saudável, de uma relação carinhosa, para que possa se sentir importante, querido e amado. Cabe frisar também que as condições básicas da abordagem se encontram neste conjunto de

especificidades pedagógicas, tendo como dois pilares fundamentais o cuidado e as relações.

### **3 ESPECIFICIDADE PEDAGÓGICA E A INTENCIONALIDADE DOCENTE**

A partir da Constituição Federal de 1988, a criança é reconhecida como sujeito de direito. Essa mudança vai ao encontro da entrada das mulheres no mercado de trabalho, dando novas dimensões às lutas feministas da época (Fochi, 2015, p. 31). Isso desencadeou mudanças importantes no cenário social e educacional, como a Lei de Diretrizes e Bases (LDB nº 9394/96), na qual a Educação Infantil passou a ser a primeira etapa da Educação Básica. É importante destacar a palavra “Educação”, demonstrando uma visão mais ampla dos processos pedagógicos necessários nessa faixa etária. (Barbosa, 2006, p.16).

Assumimos a existência de múltiplas infâncias e, apesar dos enormes avanços sociais e tecnológicos, ainda precisamos considerar as imensas desigualdades e as múltiplas formas de ser criança no Brasil. A partir da defesa de que existem diferentes infâncias e considerando os novos sentidos atribuídos às relações entre adultos e crianças, buscamos pensar o professor e a docência na EI no contemporâneo. (LIMA, FABRIS, BAHIA, 2021, p.117).

Nesse paralelo, com o recorte para o grupo etário “bebês”, pesquisadores e pesquisadoras têm se empenhado na realização de estudos que colocam esses sujeitos como foco, mas ainda estamos constituindo esse campo do saber e abrindo diálogos para serem ampliados e constantemente atualizados. Com isso, construímos uma prática docente pautada na concepção de criança, nos direitos de aprendizagem e desenvolvimento e nos momentos que perpassam todo o período e o espaço escolar, à medida que a compreensão do desenvolvimento infantil e da aprendizagem continuam a evoluir.

A Escola de Educação Infantil passa a ser um direito da criança, ou seja, estar em uma instituição de cuidado, interações, aprendizagens e educação, que oferece às crianças e suas famílias importantes contribuições no contexto coletivo. Fochi (2015), define esse contexto como uma trama:

tecido por vários fios juntos e em conjunto, tramados e constituídos pela ação do eu com o outro e do outro, que supõe estar em contínuo exercício de construção. Enquanto, nesse contínuo, juntos colhem e acolhem aprendizagens e descobertas sobre si, sobre os outros e sobre o mundo (Fochi, 2015, p.35).

Nesse sentido, a Escola de Educação Infantil torna-se um espaço de vida coletiva onde, diferentemente do ambiente doméstico, os bebês convivem com um grupo de crianças, sob a coordenação de adultos especializados, que organizam os espaços interativos de desenvolvimento e aprendizagem, além do tempo do bebê, oferecendo diferentes oportunidades de experiência. O adulto é o primeiro brinquedo e as primeiras brincadeiras são constituídas por momentos compartilhados pelo adulto e a criança.

Falk (2021) ressalta na abordagem de Pikler que o vínculo e a reciprocidade do adulto com o bebê têm um valor profundo no desenvolvimento integral do sujeito, experimentando, aprendendo e construindo relações afetivas. Afinal, o vínculo se forma nas interações cotidianas, como: dar banho, trocar, vestir, alimentar, colocar para dormir, despertar e brincar, pois são durante esses momentos que o bebê sente segurança afetiva, através da continuidade, consistência e previsibilidade da educadora. Essas características precisam ser valorizadas como educativas e formativas dentro das instituições de Educação Infantil.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que estabelece os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento para a Educação Infantil no Brasil, e a Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) destacam a importância de práticas pedagógicas sensíveis e adequadas às necessidades dos bebês, enfatizando o cuidado integral, os ambientes acolhedores, as relações afetivas, o brincar e a observação ativa, garantindo o equilíbrio entre as aprendizagens iniciadas pelas crianças e as atividades intencionalmente planejadas. Entende-se por intencionalidade pedagógica o ato de colocar em prática uma intenção que tem finalidades pedagógica, ou seja, que visa o aprendizado. Para Franco,

São práticas carregadas de intencionalidade e isso ocorre porque o próprio sentido de práxis configura-se através do estabelecimento de uma intencionalidade, que dirige e dá sentido à ação solicitando uma intervenção planejada e científica sobre o objeto, com vistas à transformação da realidade social (Franco, 2015, p. 604).

De acordo com Porlán e Martins (1997), a professora torna-se uma investigadora dentro de sua sala de aula, uma vez que irá observar, problematizar e analisar os diferentes momentos e contextos, para elaboração e aplicação das práticas. É uma peça fundamental para propor novas aprendizagens e novas vivências ao pensar o lugar que o bebê ocupa na prática pedagógica como uma estratégia para a construção de práticas pedagógicas compatíveis com a cultura da infância e os modos de expressão das crianças. Assim, há a efetiva participação de todos, ou seja, crianças e educadores.

Tanto as práticas pedagógicas, quanto a intencionalidade docente refletem a maneira como a professora atua, na forma de suas ações, como seleciona materiais e planeja e organiza o ambiente, o que influencia no aprendizado e nas experiências que os bebês têm no espaço escolar. A educação na primeira infância desempenha um papel fundamental na formação do ser humano, como destaca Pohren (2022):

Pensar na potencialidade e integralidade de uma criança é refletir, também, sobre a organização dos espaços onde ela interage para que isso possa auxiliá-la em seu pleno desenvolvimento. É na instituição escolar que hoje grande parte das crianças, principalmente as que frequentam a Educação Infantil, permanece por bastante tempo; e, muitas vezes, é somente nesse local que elas interagem em espaços estimulantes, desafiadores, pensados e organizados em contextos onde possuem contato com a natureza, de maneira tranquila e desacelerada, (Pohren, 2022, p.107).

É fundamental recriar ambientes, explorar o mundo que os cerca, aprender com a troca e a interação com seus pares, entrecruzar suas primeiras vivências pessoais com as escolares e integrar a família nas tarefas. Para as educadoras de berçário, além de ocupar-se com as necessidades, é necessário observar o bebê como um todo, o corpo, as expressões, o som dos choros, tentar compreender o que está expressando, as suas reações, se protesta ou colabora. Nesses momentos de cuidado, é a professora que fica com a responsabilidade do cuidar e do educar como uma única ação.

As professoras observam as necessidades e habilidades individuais de cada sujeito e garantem, através do planejamento docente, a diversidade, a potência e o protagonismo de todo processo de ensino-aprendizagem. Porém, é no dia a dia que, ao oferecer experiências divertidas, interativas e cheias de possibilidades de descobertas, as quais permitam ao bebê ampliar suas vivências, com um ambiente lúdico e potencialmente permeado de saberes, promovem a autonomia, a criatividade,

a curiosidade e o brincar livre como meios de aprendizados, organizados e pensados através de sua experiência e a intencionalidade docente.

Defende-se que os bebês requerem uma especificidade pedagógica devido às suas características e necessidades únicas, pois, anteriormente ao estabelecimento da BNCC e DCNEI, as metodologias e abordagens pedagógicas voltadas para crianças de quatro e cinco anos eram aplicadas aos menores, sem que atendessem às suas necessidades.

Além disso, é fundamental que a professora e a família estejam em contato, construindo de maneira sólida a criação de ambientes seguros, afetivos e desafiadores que estimulem o desenvolvimento cognitivo, emocional, social e físico das crianças. Além disso, as interações e as brincadeiras, experiências nas quais as crianças podem construir e apropriar-se de conhecimentos por meio de suas ações e trocas com seus pares e adultos, devem ser previstas nas propostas pedagógicas das escolas, tornando uma iniciativa coletiva. Como destaca Pohren (2022), para que realmente esse trabalho seja efetivo, ele deve ser o que possibilita aprendizagens, desenvolvimento e socialização.

#### **4 POSSIBILIDADES DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS COM BEBÊ: IDEIAS DE PRÁTICAS**

A BNCC (2018) reconhece a Educação Infantil como etapa essencial e fundamental para a construção de identidade e da subjetividade e estabelece seis direitos de aprendizagem para bebês e crianças de 0 a 5 anos, sendo eles:

- a) conviver com outras crianças e adultos, em pequenos e grandes grupos;
- b) brincar cotidianamente de diversas formas, em diferentes espaços e tempos, com diferentes parceiros (crianças e adultos);
- c) participar ativamente, tanto do planejamento da gestão da escola e das atividades propostas pela educadora, quanto da realização das atividades da vida cotidiana;
- d) explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, palavras, emoções, elementos da natureza etc.;

- e) expressar-se, como sujeito dialógico, criativo e sensível etc.;
- f) conhecer-se e construir sua identidade pessoal, social e cultural.

Tais direitos sempre estabelecem respeito em relação a si e aos outros, utilizando diferentes linguagens e ampliando o conhecimento de si e do seu entorno na escola, no contexto familiar e comunitário. Porém, é no ambiente escolar, que as práticas pedagógicas devem ser pensadas e realizadas para as necessidades e características específicas dos bebês, explorando a sala de aula como ambiente físico, o vínculo com as professoras e os ambientes externos.

Sabemos que a docência no berçário está em construção, por isso, o intuito deste ponto é contribuir de forma significativa com as especificidades da ação pedagógica em sala de aula. Como já mencionado, as situações de cuidado são que ampliam uma relação de qualidade, com olhares, respeito, afeto e compreensão. Ao ser cuidado de maneira humanizada e humanizadora, com trocas reais com o adulto, isso faz com que o bebê se sinta cada vez mais feliz em realizar tal atividade.

Na abordagem Pikler, recomenda-se que cada professora seja responsável por um pequeno grupo de bebês para que essa relação seja mais afetiva, estreita e íntima, havendo uma melhor interpretação no processo de entendimento da comunicação do bebê. Deve-se manter a continuidade, que traz a segurança, a consistência e a previsibilidade, tendo sempre a mesma maneira de abordar as atividades de cuidado com o bebê. Dessa forma, ele não será surpreendido, pois já terá familiaridade com as ações da educadora, “seu sentimento de segurança física se associa ao adulto e, de igual maneira, a seu sentimento de segurança afetiva e emocional”. (Falk, 2021, p.26). Com isso, se conhece, se expressa e percebe-se a si próprio.

As práticas pedagógicas na Educação Infantil referem-se ao conjunto de ações, estratégias e abordagens utilizadas por educadoras. A prática docente deve ser pautada com base em concepções da criança, da educação, da aprendizagem e desenvolvimento e da sociedade. Abrange um conjunto de ações articuladas, assumidas intencionalmente pela professora para possibilitar o desenvolvimento integral das crianças na primeira infância.

Com/para os bebês, o vínculo é um laço, que vem da palavra “brincar”. Ao brincar, o bebê faz laço com o mundo, com as pessoas que convive e com a cultura que está inserida. Como ressalta Winnicott (1982), não há nenhuma atividade significativa no desenvolvimento da simbolização da criança, da sua estruturação, que não passe pelo brincar. Acentuamos a ideia do brincar como fazer laços, estabelecer relações, assim como o cuidar.

A professora, aquela que acolhe, organiza os espaços interativos pensando no desenvolvimento e aprendizagens, organiza os tempos oferecendo diferentes oportunidades de experiências e responde a suas principais necessidades, no brincar não será diferente, também participa do processo de constituição do sujeito, pois os bebês se constituem através das brincadeiras.

#### **4.1 PARA 0 A 6 MESES**

Antes de brincar com qualquer objeto, o bebê já brinca com o rosto de sua mãe, com as luzes, sons, com o seu próprio corpo, assim como, com as pessoas que vê; ele vai brincando e se descobrindo, desenvolvendo habilidades e construindo significados. Aos poucos, percebe os objetos ao seu redor, busca por aqueles que estão ao seu alcance e, depois, por brinquedos que são mais atraentes. Assim, explora o ambiente e se constitui através das primeiras relações que estabelece, desenvolve-se psíquica e socialmente.

Quando um bebê mexe no rosto do adulto, está descobrindo suas cavidades e saliências, ali está constituindo a noção de limite corporal. Da mesma forma ocorre com si mesmo, quando coloca as mão na boca e se lambuzava de saliva, o bebê explora o corpo porque o corpo é o espaço e o espaço é o corpo.

Uma brincadeira que pode ser realizada nessa idade é o esconde-esconde com um pano. Essas pequenas práticas de aparecimento e desaparecimento, assim como jogar o objeto no chão para o adulto pegar, simbolizam que para desaparecer é preciso existir; isso é fundamental no processo de subjetividade. Nesse período, as práticas pedagógicas envolvem a interação afetiva e o estímulo sensorial, e é quando se inicia a introdução alimentar e o desenvolvimento motor.

Outra brincadeira é com móbile, que é uma estrutura no qual o princípio é o equilíbrio. Nela coloca-se objetos, tecidos, bichinhos, figuras que ficam se movendo e girando. Por meio da oferta desse brinquedo, as crianças conseguem manipular diferentes objetos, estimular os sentidos, exercer a capacidade de escolha e se concentrar em explorar suas descobertas que estão ao alcance de suas mãos.

#### **4.2 PARA 7 A 12 MESES**

Podemos visualizar melhor as possibilidades de práticas pedagógicas nessa faixa etária. É possível explorar texturas, como tintura caseira, livros, preparar cantos temáticos com possibilidades diferentes de exploração, tais como: 1) colchonetes e blocos de empilhar; 2) um espaço na frente do espelho, com móveis pendurados à altura das crianças; 3) um lugar com bichinhos para morder e garrafas sensoriais; 4) um canto com brinquedos sonoros, chocalhos e tambores.

Essas modalidades podem se relacionar em diversos aspectos com os bebês e manipuladas de diferentes formas. Os blocos podem ser empilhados, rolados; o espelho voltado ao bebê, para olhar para si e descobrir a própria imagem; o móbile pode ser movimentado por ele os bichinhos próprios para morder, pois é com a boca que os bebês fazem suas primeiras experimentações sensoriais; e brinquedos sonoros para explorar sons e ritmos.

#### **4.3 PARA 13 A 18 MESES**

Nesta faixa etária, propõe-se o circuito motor, para os bebês passarem por baixo e por cima, afinal, o desenvolvimento motor tem papel fundamental na afetividade e na cognição, possibilitando aos bebês que se sintam seguros para experimentar movimentos ousados ou decidir permanecer nos movimentos conhecidos. Cada um no seu ritmo, pois o corpo é autoconhecimento; é através da atividade motora que a criança se comunica, expressa diferentes emoções e ansiedades, assim como, comemora suas descobertas.

Contudo, alertamos que esses apontamentos são apenas indicativos, e não devem ser seguidos como verdade absoluta, pois são apenas orientações para nossas docências com bebês.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É relevante refletir, analisar e socializar sobre a docência e as experiências do trabalho pedagógico com bebês e a ação do cuidar, educar e brincar como indissociáveis, tendo como referência um cuidado humanizado e humanizador, em que a ação docente gera um ambiente e um ensino-aprendizagem mais potente. Esse processo possibilita aproximarmo-nos de uma prática pedagógica de qualidade.

É evidente que ações mecânicas e apressadas não deveriam ter mais lugar na prática pedagógica com bebês, pelas quais todos comem e dormem na mesma hora. É preciso respeitar o tempo individual de cada um e que educadora e bebê estejam inteiros e presentes nas situações. Assim, a mensagem de que ele é importante o incentiva a igualmente se concentrar em quem cuida dele e, dessa forma, favorecer a exploração e descobertas pela criança.

A relação se fortalece através das experiências emocionais, da linguagem, do brincar, da atividade autônoma e dos momentos de cuidar e educar. Afinal, as ações como trocar fralda, alimentar e fazer dormir são tão formativas quanto uma proposta dirigida. Dessa forma, buscou-se destacar aquilo que consideramos importante no cotidiano com os bebês pela lente da pediatra húngara Emmi Pikler, a qual trouxe valorização para a construção da relação entre criança e professora, além de práticas simples, acessíveis e revolucionárias do cuidar, educar e do brincar.

Os vínculos estabelecidos com as crianças e entre elas e com as professoras nos permite ampliar a compreensão das singularidades da docência e dos próprios bebês e o valor das relações pessoais, sendo eles: ter um profundo respeito pelo bebê e sua individualidade, manter o vínculo, promover a atividade autônoma e o brincar livre. Assim, esses se constituem como a base dos princípios de Pikler, que inspiram as instituições de Educação Infantil. Por fim, ressalta-se a importância da aplicação no cotidiano por professoras observadoras, presentes e pesquisadoras, tendo em vista a potência que são os sujeitos ativos e competentes que chegam no espaço coletivo do berçário.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Maria Carmen Silveira. **Por amor e por força**: rotinas na Educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2006.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2010.

FALK, Judit (org.). **Abordagem Pikler**: educação infantil. 3. ed. São Paulo: Omnisciência, 2022.

FALK, Judit. **Educar os três primeiros anos**: a experiência Pikler-Lóczy. 4. ed. São Paulo: Omnisciência, 2021.

FOCHI, Paulo. **Afinal, o que os bebês fazem no berçário?** Comunicação, autonomia e saber-fazer de bebês em um contexto de vida coletiva. Porto Alegre: Penso, 2015.

FRANCO, Maria Amélia Santoro. Práticas pedagógicas de ensinar-aprender: por entre resistências e resignações. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, vol. 41. n 3, p. 601-614, jul./set. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/gd7J5ZhhMMcbJf9FtKDyCTB/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 20 nov. 2023.

POHREN, Raona. Espaços externos: para o brincar na Educação Infantil. *In*: LIMA, Samantha Dias De (org.). **Vocabulário LABPED**: saberes construídos no Laboratório Pedagógico de Experiências Educativas – Ano 1. São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

PORLÁN, Rafael; MARTÍN, José. **El diario del profesor: un recurso para la investigación en el aula**. Sevilla: Díada, 1997.

TARDO, Anna. Autonomia e/ou dependência. *In*: FALK, Judit (org.). **Abordagem Pikler**: educação infantil. 3. ed. São Paulo: Omnisciência, 2022. p. 56-67.

TARDO, Anna. A mão da educadora. *In*: FALK, Judit (org.). **Abordagem Pikler**: educação infantil. 3. ed. São Paulo: Omnisciência, 2022. p. 68-77.

TARDO, Anna. As atividades dirigidas. *In*: FALK, Judit (org.). **Abordagem Pikler**: educação infantil. 3. ed. São Paulo: Omnisciência, 2022. p. 78-87.

WINNICOTT, D.W. **A criança e o seu mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.